

Falares asturo-leoneses em território português

TELMO VERDELHO
UNIVERSIDAD D'AVEIRO

1.A língua mirandesa

O Mirandês é uma língua, e uma língua viva que deve ser contada entre as línguas da terra.

A contagem das línguas do planeta é um problema que não encontrou ainda solução científica, nem por parte dos linguistas, nem dos especialistas da estatística demográfica. As informações quantificadoras, bastante frequentes que, um pouco por toda a parte, vêm sendo publicadas, sobre o mosaico de Babel, que recobre o nosso mundo, apresentam números escandalosamente dissonantes. Resumindo um pouco essa bibliografia podemos reduzir a contagem das línguas às cinco hipóteses seguintes, entre si tão contrárias, que dão o tecido linguístico do Planeta formado:

- por 200 línguas;
- por 3.000 línguas;
- por 5.000 línguas;
- por 15.000 línguas;
- e por 35.000 línguas.¹

Não tem sido possível estabelecer critérios rigorosos e geralmente aceites, para identificar a individuação linguística. A língua é um comportamento humano marcado pela permanente mobilidade dos indivíduos e das comunidades. A tentativa de catalogação será sempre provisória e terá apenas um valor hipotético, como toda a verdade histórica.

O Mirandês é uma língua que faz parte das 35.000 línguas, ou mesmo das 15.000 que alguns contadores de línguas enumeram sobre o mundo. Tem como referência histórica dez séculos, pelo menos, de desempenho oral, numa comunidade delimitada por um espaço geográfico bem definido. Beneficia também de uma inapagável memória textual, ainda que de elaboração recente e de modestas proporções.

¹ Informação recolhida em Gyula Décsy, "Semiotics of language counting and languageness", in *Semiotica*, 84 - 3/4 (1991), p.309.

É actualmente testemunhado por uma pequena comunidade falante mas, não deixa de ser uma língua viva, perfeita e de muitos modos única no mundo, pelo facto dessa comunidade se encontrar em gravíssima crise de erosão e ser constituída por poucos milhares de pessoas.

É também uma língua, o Mirandês, porque constitui objecto de evocação e de reflexão aqui e agora, preenchendo este nosso tempo real de existência, e porque nós achamos congruente a hipótese de que ele é susceptível de continuar a ser assumido, de modo consciente e voluntário, por essa comunidade, como um instrumento privilegiado de intercomunicação. O Mirandês poderá ser a melhor garantia da sua diferença, o mais elaborado e genuíno testemunho da sua própria memória e o meio mais eficaz e mais instruído para o seu encontro colectivo. O mirandês é, como todas as línguas naturais, um legado cultural de incomensurável valor.

Este breve excursus introdutório pareceu-me necessário como um pressuposto epistemológico, ainda que apenas esboçado, que de algum modo esclarece o quadro em que poderemos inscrever os nossos discursos sobre o Mirandês. Em rigor, o estudo do mirandês não carece de justificação científica. Mas nós gostaríamos que ele fosse mais do que um objecto poético, casualmente contemplado e episodicamente vivido.

A linguística tem-se apresentado como uma ciência prática demasiado motivada pela eficácia, pela sua imediata utilidade e pela obsessão das grandes línguas. O nosso objecto de estudo pode ser, e tem sido, vítima de uma deplorável marginalidade científica, não só no que respeita à quantidade, mas também no des-caso e numa ideologizada desvalorização cultural.

Não vamos deter-nos no labirinto da unidade e diversidade das línguas. Deixamos também ao largo, ou apenas para uma reflexão final, a filosofia fácil do imperialismo linguístico que decide sobre as línguas boas e as línguas desprezíveis. No meu ponto de vista, todas as línguas são igualmente disponíveis para a criatividade humana. Falar de línguas mais e menos perfeitas ou imperfeitas é um acto de pura classificação social, leviano ou perverso, e caracterizado pela mesma iniquidade do racismo.

De um ponto de vista diferente e, retomando uma tradição já secular, das ciências da linguagem, poderemos acrescentar que o mirandês não será propriamente uma língua, mas apenas um dialecto da família linguística asturo-leonesa.² Foi certamente na órbita do convento jurídico asturicense instituído por Augusto, e sob a sua tutela administrativa e cultural, que aprenderam a falar latim, os habitantes de Miranda do Douro e de outros lugares que vieram a fazer parte do nordeste de Portugal. Também depois, na administração visigótica e durante a perturbação islâmica e os subsequentes repovoamentos cristãos, foi o prestígio e a clerezia do bispado de Astorga, mais que o de Bracara Augusta, que vinculou a interacção linguística desta região.

Os acasos da história, as distâncias e os acidentes geográficos fizeram fronteiras dentro desta língua. Mas as línguas são uma preenchida e remota memória da humanidade.

Relembrar aqui o mirandês é um gesto pleno de simbolismo e de grande densidade cultural, porque, ultra-

² A distinção entre “língua” e “dialecto” pode ser uma questão terminológica que não vem aqui a propósito. Notaremos apenas que a designação de “dialecto” tem sido preferentemente usada pelos estudiosos do Mirandês, nomeadamente Leite de Vasconcelos (dialecto e co-dialecto), Menéndez Pidal e Herculano de Carvalho.

passando séculos de peripécias e divisões políticas, a língua reencontra-se consigo própria, numa espécie de anagnórise que me parece, como linguista, particularmente gratificante.³

1.2. O espaço geográfico e demográfico do Mirandês

O Mirandês é uma língua referenciada numa pequena região de escassas centenas de quilómetros quadrados (cerca de 450 Km.²), situada a nordeste de Portugal, no distrito de Bragança, numa fronteira com a Espanha, delimitada na sua maior parte pelo curso superior do Rio Douro, e abrangendo, parcialmente, os concelhos de Miranda do Douro e de Vimioso. Tem sido recebida como língua materna em 13 das 16 freguesias do Concelho de Miranda do Douro (o mirandês não é falado na própria cidade de Miranda e nas freguesias de Atenor e de Picote), e em 3 freguesias do concelho de Vimioso, enumeradas no elenco seguinte, com indicação dos actuais moradores (de acordo com o censo populacional de 1991):

Censo populacional	1991- 1981	
Cicouro	118 (124)	habitantes
Constantim	178 (233)	
Duas Igrejas	860 (990)	
Genísio	284 (380)	
Ifanes	291 (353)	
Malhadas	406 (497)	
Palaçoulo	779 (806)	
Paradela	153 (246)	
Póvoa	321 (372)	
S. Martinho de Angueira	439 (559)	
Sendim	1392 (1669)	
Silva	380 (403)	
Vila Chã de Braciosa	457 (568)	
Totais	6058 (7200)	
VIMIOSO:		
Angueira	214 (305)	
Caçarelhos	353 (432)	
Vilar Seco.....	246 (294)	
Totais.....	803 (1031)	
	6861 (8231)	⁴

³ “...les langues, lourdes de toutes les présences dialogales accumulées par des temps immémoriaux, sont images de vie. Le linguiste, obstinément attaché à la recherche austère des lois derrière les enivrements sonores et la turbulence des mots, reconnaît dans les langues l’activité vitale d’un énonceur qui y a laissé à travers le passé la trace d’opérations semblables à celles qu’il accomplit lui-même dans le discours quotidien. C’est parce qu’il en est fasciné, en même temps que soucieux de les soumettre aux analyses sereines de la raison, que celui qui a le langage pour métier peut aimer à aller débusquer les secrets des langues exotiques.” Claude Hagège, *Leçon inaugurale* (faite le Mardi 26 avril 1988) - Chaire de Théorie Linguistique, Paris, Collège de France, 1988, p. 31.

⁴ Instituto Nacional de Estatística, *Censos 91* -resultados preliminares.

Convirá comparar estes quantitativos com as indicações sobre o número de falantes anotados em outras datas. Assim:

em 1796 registam-se cerca de 8.000 falantes;⁵

em 1900 cerca de 10.000;⁶

em 1953, o número de falantes seria de 13.700;⁷

em 1960 cerca de 15.000 (“O mirandês... dialecto vivo é usado quotidianamente na família e no campo, por mais de 15.000 pessoas”);⁸

em 1970 cerca de 10.000;⁹

Esta breve informação estatística do mirandês está cheia de significações bem pouco consoladoras. Verifica-se, desde logo, uma dramática contracção dos índices censitários - em 30 anos, desde 1960 até 1991, houve um esvaziamento de metade dos habitantes -. Entretanto, mais grave ainda, os números da demografia não correspondem de modo nenhum, aos números da identificação linguística. As populações, postas em contacto com as ondas da radiodifusão e da televisão (portuguesas e espanholas) sofreram uma progressiva e desoladora depredação do seu espaço linguístico. Reduziu-se certamente o número real de falantes, e sobretudo ficou inevitavelmente limitado o tempo de palavra mirandesa. Os meios da comunicação social ocupam quase permanentemente os ouvidos com línguas alheias, e deixam uma disponibilidade cada vez menor para a expressão da língua nativa, verdadeiramente vernácula. O mirandês torna-se assim uma competência linguística passiva, com pouca capacidade de interacção. Podemos então dizer que hoje haverá cerca de seis a sete mil pessoas que sabem ainda falar o mirandês, mas poucas o falam habitualmente, e nenhuma delas o falará como língua única. O número actual de falantes do mirandês é o mais baixo desde há pelo menos dois séculos

A região de Miranda do Douro está sendo vítima de uma despersonalização linguística e de uma catástrofe civilizacional.

1.3. A história da comunidade falante do Mirandês

A história desta região e da pequena cidade que a polariza parece ter sido desde sempre marcada por um certo desfavor da sorte, por uma mal sofrida marginalidade e por acontecimentos desastrosos que provavelmente se repercutem ainda no actual processo de erosão que irremediavelmente a prejudica.

⁵ J. M. A. Mendes, *Trás-os-Montes nos fins do século XVIII - segundo um manuscrito de 1796*, Coimbra, INIC, 1981, p. 176.

⁶ José Leite de Vasconcelos, *Estudos de Filologia Mirandesa*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1900, p. 59/61 e p. 153, veja-se tb. sobre a população de Miranda, em outras épocas, *Id.*, p. 108.

⁷ H. de Carvalho, “Fonologia Mirandesa”, *Biblos*, vol. XXXIII, 1957, p. 7.

⁸ M. J. M. Santos, *Os faldres fronteiriços de Trás-os-Montes*, 1967, p. 416/7.

⁹ *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lx. 13ª vol., col. 879.

Guardam-se testemunhos do seu povoamento pré-histórico, nomeadamente de uma ocupação celta, (estão identificadas 14 ruínas castrejas) e da colonização romana,¹⁰ mas a sua emergência como região destacada, coincide com a formação da nacionalidade portuguesa.

A primeira nomeação em documento escrito data de 1172, no reinado do Fundador Afonso Henriques, e o primeiro documento escrito numa língua vernácula, que não podia deixar de ser entendida pelos mirandeses, é do ano 1257.¹¹

Desde as mais antigas referências, Miranda começou a ser reconhecida e valorizada pela sua implantação estratégica, na linha fronteiriça. Foi visitada pelo rei D. Dinis em 1297, depois de, em 1286 lhe ter dado já um segundo foral, garantindo a tutela régia e excluindo qualquer outro senhorio.¹²

Há cerca de 450 anos, Miranda é elevada à categoria de cidade (Carta de D. João III de 10/VIII/1545), e promovida a sede de diocese (Bula de Paulo III “Pro excellenti apostolicae sedis” de 22/V/1545).

A presença do bispado contribuiu para melhorar o património arquitectónico do pequeno núcleo urbano (com destaque para a Sé Catedral, iniciada ainda no século XVI), mas introduziu nela um poderoso factor de perturbação linguística que deve ter levado paulatinamente a população da sede diocesana a abandonar e a esquecer o seu falar tradicional. Leite de Vasconcelos supõe que, pelos meados do século XVIII, os habitantes de Miranda já não falavam o Mirandês.¹³

Entretanto, a cidade não ultrapassou o seu antigo isolamento. O convívio com a cúria episcopal foi perturbado por frequentes questiúnculas (não obstante o prestígio de alguns dos seus bispos, como D. Julião de Alva +1570) e, no séc. XVIII, depois da retirada do bispo D. Aleixo (1764), e de um insubstituível desmembramento (1770), a sede episcopal foi definitivamente transferida para a cidade de Bragança e a diocese ficou com o título de Bragança e Miranda (Bula de Pio VI “Romanus Pontifex” 27/IX/1780).

Longe dos centros importantes do país, vítima de acidentes naturais e de vários assédios militares, alguns particularmente destruidores, como o da guerra dos sete anos (8/V/1762 - em que uma explosão de mais de 1.500 arrobas de pólvora que enchiam o paiol, provocou a destruição da cidade e a morte de cerca de um terço da sua população), Miranda do Douro, para além da sua dramática história guerreira, não logrou vencer a marginalidade geográfica e também, nunca atingiu uma expressão populacional suficiente para melhorar a sua representatividade política e económica, nem sequer a nível regional.

¹⁰ Cf. Joaquim Maria Neto, *O Leste do Território Bracarense*, ed. Autor, impresso em A União, Torres Vedras, 1975, p. 244/56.

¹¹ “Carta de venda de propriedades em Genísio e S. João de Angueira, na terra de Miranda, ao Mosteiro de Santa Maria de Moreruella, por D. Afonso Mendes de Bornes”, in António M. Mourinho, *Nossa Alma i Nossa Tierra*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1961, p. 136.

¹² Francisco Manuel Alves, *Memória Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, t. IV, p. 83/4. Cf. *Id.*, t. IX, p. 467/71.

¹³ *Estudos de Filologia Mirandesa*, vol.I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1900, p.149. Parece-nos, todavia, mais provável que a memória linguística da cidade se tenha obliterado apenas ao longo do séc. XIX.

Foi quase sempre desprotegida pela administração pública. Nunca chegou a ter ligação ferroviária. O caminho de ferro não passou de Duas Igrejas, e chegou lá apenas em 1938. No final do século passado, uma viagem até Miranda, de qualquer outra cidade de Portugal, era uma demorada aventura. O primeiro pesquisador da língua mirandesa demorou 5 dias, no verão de 1883 para vencer os cerca de 380 Km do percurso, entre a cidade do Porto e Duas Igrejas. A rede rodoviária que a serve é ainda hoje francamente decepcionante.

Entretanto, esta insularização de mais de oitocentos anos protegeu o património etnográfico da região mirandesa e salvou, pelo menos até aos meados deste século, a sua memória linguística e, com ela, uma fabulosa literatura oral, enriquecida por uma genuína e especiosa música tradicional considerada das mais antigas da Europa.¹⁴

2. Descoberta e estudo do Mirandês

A língua mirandesa foi descoberta, ou pelo menos cientificamente referenciada, em 1882. Não obstante a relativa incomunicabilidade da região, o seu levantamento precedeu de alguns anos o pleno desenvolvimento da geografia linguística que foi impulsionada justamente pelo desenvolvimento dos meios de transporte, e que teve em França grandes estudiosos, como Rousselot e sobretudo Jules Gilliéron. A primeira descrição do mirandês foi feita ainda no quadro teórico da linguística comparada, especialmente formulada por Jacob Grimm e aplicada às línguas românicas por François Raynouard (1761-1836) e sobretudo por Frederico Diez (1794-1876), na sua *Grammatik der romanischen Sprachen*, publicada em 3 volumes em Bona, entre 1836 e 1843.

Foi José Leite de Vasconcelos (1858-1941) quem comunicou ao mundo a existência do Mirandês, e fê-lo antes ainda de visitar a região, através do testemunho de um mirandês (Manuel António Branco de Castro) que era estudante no Porto. A descrição da descoberta, pelo sábio português, é de tal modo empolgante, que deverá ficar para sempre associada à história desta língua que, tendo mais de mil anos, só então era recebida fora da sua própria comunidade.

Transcrevemos:

“Frequentava eu, em 1882, o 1º ano de Medicina na Eschola do Porto, quando dois meus contemporâneos e amigos, hoje médicos, Affonso Cordeiro e José Joaquim Pinto, sabedores de quanto eu apreciava as tradições e a lingoagem do povo, me disseram que andava matriculado na Academia Polytechnica um rapaz de Miranda-do-Douro, que sabia com perfeição a lingoa d’essa terra, pois a fallava desde criança.

Ora eu já então tinha conhecimento de que em Miranda se usava uma lingoa que não era a portuguesa, porem não havia ainda podido colligir senão duas ou tres palavras, uma das quaes era *cheno* (cheio), ouvida a um meu conhecido em Guimarães, por occasião de umas férias; por isso fiquei muito contente ao receber a

¹⁴ Cf. Anne Caufriez, *Perenité du Romanceiro dans la musique paysanne du Trás-os-Montes (Portugal)*. Tese de doutoramento apresentada em Paris, (2/1/1982), na E.H.E.S.S. Ver notícia em *Brigantia*, vol. II, 2/3, Abril/Set. 1982, p. 263-72.

noticia que Affonso Cordeiro e José Joaquim Pinto me deram, e não foi esta a unica vez que a estes meus dedicados e intelligentes companheiros devi informações sobre assuntos da nossa ethnographia.

Não decorreram muitos dias que eu não estivesse em optimas relações de amizade com o feliz estudante que fallava a lingua de Miranda, o meu querido Manoel António Branco de Castro, meu Espirito-Santo mirandês, por cujo intermédio pude adicionar á carta linguistica da Europa neo-latina mais um elemento.

Combinámos reunirmo-nos um dia feriado, para eu começar o meu trabalho de investigação. Foi este dia um domingo, à tarde. Branco de Castro morava numa *republica* para os lados de Cedofeita, e lá tivemos a primeira reunião. Nunca me esquecerá tal domingo! Cada individuo tem as suas datas célebres: um, porque lhe nasceu um filho; outro porque recebeu uma herança. Para mim o dia em que pela primeira vez na minha vida ouvi fallar seguidamente mirandês, e em que esbocei as primeiras linhas da sua grammatica, constitui também uma viva memória. Consitam os leitores esta pequena expansão a quem, desde 1876, quasi não pensa noutra cousa que não seja a história da boa terra lusitana, particularmente no seu lado ethnographico e linguistico, e quasi não aspira a mais nada, senão ao gôzo de contribuir para o vasto thesouro da sciencia com um factio ou uma ideia nova, embora de modestas proporções.

Branco de Castro, reclinado sobre a cama, no seu pequeno quarto de estudante, recitava vocabulos, conjugava verbos, declinava nomes; eu, sentado numa cadeira ao pé, ia apontando fervoroso tudo o que lhe ouvia, e que para mim era como aquellas maçãs de ouro que, segundo um conto popular bem conhecido, saíam da bôca de uma virgem bem fadada, quando fallava ao seu noivo.

Num quarto vizinho estavam alguns estudantes tocando guitarra, e entre elles o meu prezado amigo Joaquim Maria de Figueiredo, conceituado pharmaceutico nesta cidade, o qual ainda hoje falla nisto; os estudantes interromperam a música, e vieram ouvir. Ao contrário de Orpheu, que, ao som da lyra, arrastava os penhascos e fazia parar os rios, aqui a musica cedia ao encanto da lingua de Miranda! Isto constituia de factio uma novidade para os estudantes, que não sabiam que em Portugal se fallava outra lingua além do portuguez de Bernardes e Garrett. O mais encantado, porém, era eu. Com certeza não se escutavam com maior attenção os oraculos de Apollo em Delphos, ou os de Zeus em Dodôna, do que eu as palavras que o meu Branco de Castro proferia, sereno e resignado, deante de mim.

Dizia elle a principio: -"Isto é uma giria de pastores, uma *fala charra*, não tem regras, nem normas!". Mas, quando eu lhe mostrava que as correspondencias d'ella com o latim eram certas, que a conjugação seguia com ordem, - elle pasmava, e admirava-se que entre os *cabanhaes* de Genizio, e em meio dos *hortos* de Ifánez se pudesse ter feito cousa tão regular como era a lingua que velhos cabreiros lhe haviam ensinado em pequeno. E também se enthusiasmava, e começava comigo a venerar esta desherdada e perdida filha do latim. Subia então ao auge o seu espanto, quando, não se lembrando casualmente de um vocabulo, ou não lhe acudindi logo á memoria a flexão de um verbo, eu lh'os indicava theoreticamente, apenas baseado nas leis que pouco a pouco ia deduzindo dos factos observados..

Assim, ao cabo de algumas horas, e com mais uma ou outra notícia que colhi posteriormente, obtive materiaes que me bastaram para caracterizar nas suas feições mais gerais o mirandês."¹⁵

¹⁵ *Estudos de Filologia Mirandesa*, vol.I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1900, p. 3-5.

O primeiro anúncio do Mirandês foi publicado por Leite de Vasconcelos, no jornal *O Penafidelense*, em 5 números (472/73/79/82/83), em Julho-Agosto de 1882, e nesse mesmo ano foram republicados no Porto, reduzidos “a melhor forma” num opúsculo de 39 páginas, in-8º gr., com o título *O dialecto mirandês*.

A notícia divulgada pelo então estudante de medicina e jovem investigador beneficiaria de uma auspiciosa recepção, entre o mundo científico da época, de tal modo que a Societé des Langues Romanes atribuir-lhe-ia um interessante prémio pecuniário, num concurso filológico, em 1883. Neste mesmo ano e em 1884, o operoso dialectólogo português visitou a região de Miranda, procedeu a uma verdadeira imersão linguística e coligiu os elementos necessários para garantir uma descrição completa do Mirandês e para registar em definitivo a sua memória.

2.1. Breve caracterização e identificação da família linguística

A ligação do Mirandês ao grupo de línguas Asturo-Leonês foi aflorada por Leite de Vasconcelos logo nos primeiros textos de levantamento e descrição, em 1882,¹⁶ e sugerida na *Fonologia Mirandesa* “O mirandês será *lingoa*, na acepção especial, ou será *dialecto*? No sentido de *lingoa* insulada, já se vê que não, porque está aparentado, de um lado com o asturianò-leonês, do outro com o galleco-português.” (vol.II, p.71/72). Menéndez Pidal confirmou em definitivo a integração do Mirandês na família linguística asturo-leonesa.¹⁷

As razões deste parentesco linguístico foram objecto de alguns estudos polémicos,¹⁸ mas em todos eles se verifica a identificação do Mirandês no espaço dialectal desta zona peninsular pontuada pelos núcleos centrípetos de Oviedo, Astorga, Leão e Zamora.

Algumas soluções fonológicas do Mirandês e do Asturiano, adoptadas no seu percurso diacrónico, a partir do latim, corroboram exemplarmente essa identificação e distinguem este grupo linguístico, por uma parte, em relação ao português, e por outra, em relação ao castelhano.

Lembramos alguns traços que nos parecem significativos:

1. Manutenção do /f-/ inicial: FAME > fame/fome/hambre;
2. Palatalização ou iotização do grupo /cl/ e /li/: APICULA > abelha/abeya/abeja; ALIENU > alhenos/ayenos/ajenos;
3. Manutenção dos ditongos /aw/ e /ei/: CAUSA > cousa/cosa; pandeiro/pandero;¹⁹

¹⁶ Cf. *Opúsculos*, 4, Coimbra, 1929, p. 679 e segs.

¹⁷ *El dialecto leonés*, sep. da *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, Madrid, 1906.

¹⁸ Cf. “Porque se fala dialecto leonês em terras de Miranda?” in *Estudos linguísticos*, 1º.vol., Coimbra, Atlântida, 2ª .ed., 1973, p. 71/92.

¹⁹ Alguns traços fonológicos aqui atribuídos ao Asturiano, sofreram uma obliteração castelhanizante, mas julgo que se mantêm ainda na parte oriental. Citarei em meu abono, e a título de exemplo, a forma “pandero” registada na introdução do pequeno *Dicionariu Castellán-Asturiano*, Oviedo, La Voz de Asturias. No corpo do *Dicionariu*, regista-se a forma “panderu” (p. 94).

4. Palatalização do grupo latino /sc/: PISCE> pexe/pez;
5. Palatalização da consoante inicial /l-/: LINGUA> lhengua/llingua/língua/lengua;
6. Manutenção das consoantes /-l-/ e /-n-/ em posição intervocálica: LUNA> luna/lua; MALU> malo/mau;
7. Palatalização das consoantes duplas /-ll-/, /-nn-/ e /-mn-/: CASTELLU> castielho ou castiello/castelo/castillo, ANNU> anho/ou año/ano, DAMNU> danho ou dāño/dano;
8. Ditongação da vogal breve /e/ em posição tónica: FERRU> fierro/ferro/hierro.²⁰

Estes breves e ocasionais exemplos são suficientemente indiciadores. De qualquer modo, ninguém contesta hoje a classificação do Mirandês na referida área linguística. Quando tivermos estudos do léxico (desejamos vivamente que não tardem), será possível descortinar alguns vectores de influência, nos vários domínios (cultural, religioso e político-económico) que tragam mais esclarecimentos á posição relativa do Mirandês no grupo linguístico em que se integra. No respeitante ao léxico moderno, poderá verificar-se uma presença muito evidente da influência do português, mas, em relação ao fundo lexical mais antigo, a herança asturo-leonesa será certamente predominante. A quase inexistência de levantamentos lexicais do Mirandês deixa em suspenso estas hipóteses.²¹

2.2. O difícil acesso à escrita -transcrição fonética ou ortografia?

Em 1900 e 1901, publicou Leite de Vasconcelos um amplo estudo, com o resultado das suas pesquisas, composto por uma gramática e uma antologia de textos, em dois volumes, perfazendo no seu conjunto mais de 830 páginas, que ficaram sendo a notícia fundadora e até hoje ainda não ultrapassada do mirandês.²² Foi com esta obra que o falar *charro*, ou *caçurro*²³ teve acesso à escrita e passou a ter entrada nos manuais da linguística românica.

Para além do acontecimento histórico do registo de uma língua e da criação de um património textual, a fixação da escrita mirandesa constitui ainda hoje um problema insuficientemente resolvido. Convirá distinguir, a este propósito uma dupla perspectiva, que atenda por um lado, à transcrição fonética, necessária para o estudo linguístico, e, por outro lado, à grafia funcional, necessária para uma fácil divulgação tipográfica do texto.

O facto do registo escrito do mirandês ter sido iniciado por linguistas, deu lugar a uma tradição de escrita foneticista que sobrecarrega a representação gráfica, prejudica a reprodução e dificulta o acesso ao texto.

²⁰ Para uma caracterização muito esquemática da identidade geográfico-linguística do Mirandês, em confronto com o Português e o Castelhana, veja-se, de Manuela Barros Ferreira e Ana Maria Martins, “O Mirandês nos Atlas Linguísticos”, in *Actas das 1as. Jornadas de Língua e Cultura Mirandesa*, Miranda do Douro, (Impresso na Sociedade Gráfica Ocidental - Lisboa), 1987, p. 33-42.

²¹ Cf. “O Mirandês nos Atlas Linguísticos”, p. 37.

²² *Estudos de Filologia Mirandesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1900/1901. A Câmara Municipal de Miranda do Douro tem em publicação um reprodução facsimilada desta obra. Saiu já o 1º vol. com uma nota prévia de António Maria Mourinho, e com data de 1992.

²³ Cf. *Id.*, vol. I, p. 13-17.

A primeira proposta ortográfica foi esboçada pelo foneticista Aniceto R. Gonçalves Viana, em 1894, num breve texto introdutório à publicação do *Evangelho de S. Lucas*, numa primeira versão mirandesa, feita por Bernardes Fernando Monteiro, na *Revista de Educação e Ensino* (Paris, Guillard, Aillaud, vol.IX, 1894, p.151/2 e p.500). A proposta de Gonçalves Viana é bastante simples e quanto possível aportuguesada.

Leite de Vasconcelos, em 1900 (p. 172 e segs.), sobrecarrega consideravelmente o aparelho gráfico do Mirandês, com justificada preocupação científica, mas o seu modelo vai repercutir-se, com poucas vantagens e bastante prejuízo, na subsequente reprodução textual mirandesa.

Parece-nos absolutamente necessário limitar o uso dos diacríticos e dos sinais sublineares e reservar esses recursos apenas para os manuais especializados na descrição fonética e linguística em geral. A restante produção escritural deve poder executar-se com uma codificação ortográfica suficientemente simplificada para facilitar e promover a sua produção e a sua divulgação.

Este é certamente um ponto sensível, na definição das estratégias de defesa e de promoção do Mirandês. Até ao presente, o principal e quase único escritor desta língua esforçou-se por guardar uma transcrição tão foneticista quanto possível. Deveremos concordar que fez bem e merece todos os louvores, dos linguistas e dos não linguistas. Mas agora, garantido um registo suficientemente testemunhal, é necessário libertar a escrita e interiorizar entre os falantes e os leitores, como no funcionamento ortográfico de todas as línguas, os implícitos fonológicos e ortoépicos. Deve escrever-se o Mirandês sobretudo para quem tenha querido já saber lê-lo.

Quanto aos manuais linguísticos que faltam ainda ao Mirandês, nomeadamente o dicionário, não deverá em nenhum caso prescindir da transcrição fonética.

2.3. A produção literária

O património textual do Mirandês é extremamente modesto. Não tem praticamente texto antigo. São conhecidas algumas dezenas de traduções fragmentárias, um insuficiente registo de uma preciosa literatura oral, e uma produção literária original que, no conjunto dos textos publicados, não irá além das 3 ou 4 centenas de páginas.

Poderemos dizer que é, até ao momento, uma língua quase sem escritores. Saliaremos apenas António Maria Mourinho (Sendim, 14/II/1917) que é o autor da maior parte do texto produzido em Mirandês durante os últimos cinquenta anos. Terá sido justamente em 1942, em Lisboa, na Sociedade De Geografia, no dia de Miranda do Douro, que A. Mourinho recitou em Mirandês, os seus primeiros versos.

Uma primeira síntese bibliográfica sobre a memória escritural da língua mirandesa foi elaborada pelo referido autor e publicada na *Revista de Portugal - série A Língua Portuguesa*, vol. V, 1944, n.º. 21, p. 58/62 e n.º 22, p. 91/96.

Depois dessa data, A. Mourinho publicou, em 1961, (Lisboa, Imprensa Nacional), a mais significativa e quase única obra literária escrita em mirandês, com o título *Nossa Alma i nossa Tierra*, com centena e meia de páginas e cerca de trinta composições poéticas, acompanhadas de um brevíssimo vocabulário. Em 1979 (com 2ª. ed. em 1983), publicou ainda o mesmo autor um poemeto (98 quadras) “*Scôba frolida ã Agosto...*” (Liênda de Nôssa Senhora del Monte de Dúes Eigrejjas).

Além destas obras e de duas breves peças de Teatro:

-*Saias* - Alfredo Cortês, Lisboa, 1938

-*Sturiano i Marcolfa* - Francisco Garrido Brandão, Lisboa, 1901, in L. Vasconcelos, *Estudos de Filologia Mirandesa*, vol. II, p. 280-308;

tudo o resto são textos parcelares publicados em volumes antológicos ou dispersos em publicações periódicas, em especial no *Mensageiro de Bragança*.

É urgente a compilação desses textos já numerosos, para se poder fazer uma síntese da memória textual do mirandês e para a elaboração de um indispensável levantamento lexicográfico.

Muitos destes textos, pelas suas variações ou talvez mesmo irregularidades, poderão deixar perplexos os leitores, com a verificação de que não encontram um modelo rigorosamente padronizado. A recepção e o tratamento linguístico deste “corpus” literário, não pode senão atender e respeitar o mais possível ao conjunto de variantes. O mirandês não tem suficiente referência histórica, nem levantamento de campo, nem verificação estatística, para se impor uma normalização ortológica. É necessário boa vontade e bom senso para não fechar o caminho a tudo o que possa ser ainda uma realização ou actualização dos saberes linguísticos desta região.

3. A história da língua mirandesa como epifenómeno regionalista e folclórico

A história da língua mirandesa é indissociável do seu enquadramento regionalista e folclórico. Depois de descoberta e anunciada ao público, no fim do século passado, a sua integração na consciência linguística nacional coincidiu justamente com a manifestação e o desenvolvimento dos regionalismos que, um pouco por toda a Europa, na primeira metade deste século, contribuíram para o reconhecimento das realidades e das culturas locais. A originalidade linguística de Miranda tornou-se conhecida, em Portugal e no mundo, fora dos círculos científicos, por acção dos seus grupos folclóricos, conhecidos pela designação genérica de “Pauliteiros de Miranda”.

Os “Pauliteiros” dançaram pela primeira vez, fora do seu “tarron”, em 1897, em Lisboa, por ocasião das comemorações do 4º. Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia. Eram 12 homens de Constatntim. Em 1934 tiveram uma auspiciosa internacionalização em Londres, no prestigiado Albert Hall, perante 10.000 espectadores, desta vez, representados por um grupo de 12 pauliteiros da povoação de Cércio, da freguesia de Duas Igrejas. Nesta sequência, a mais importante acção divulgadora da música e da dança popular mirandesa foi conseguida pelo Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas (que incluía os pauliteiros de Cércio), constituído em 1945, pelo então Pároco de Duas Igrejas, Dr. António Mourinho.²⁴

A riqueza etnográfica da região mirandesa tem suscitado a admiração e o interesse de muitos estudiosos e também dos meios da comunicação social, nomeadamente o cinema. Lembraremos a este propósito a obra de António Reis e Margarida Cordeiro *Trás-os-Montes* (1976), um clássico do cinema português que suscita grande parte da sua beleza e do seu lirismo a partir da paisagem e da música tradicional mirandesa.

²⁴ Cf. António Maria Mourinho, *Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas (Pauliteiros de Miranda)*, Duas Igrejas, 1983. E também: António Maria Mourinho, *Cancioneiro tradicional e danças populares mirandesas*, Bragança, Escola Tipográfica (ed. do autor), 1984, p. 474 e segs..

Toda a região trasmontana e especialmente a zona de Miranda, sugerem no imaginário português um espaço cheio de remotas evocações e de um maravilhoso lendário. É certamente a região do país mais prestigiada, sob o ponto de vista dos valores regionalistas. A sua originalidade linguística, isto é, o Mirandês, parece ter motivado uma simpatia mais ou menos geral entre todo o mundo culto português e ainda no Brasil. No *Jornal do Comércio* da cidade de Manaus, publicava-se (em 7/9/1979) um artigo veemente, proclamando a urgência de salvar o Mirandês, assinado pelo Dr. Newton Sabbá Guimarães, um estudioso brasileiro, residente em Florianópolis, no sul do Brasil.²⁵

O especioso envolvimento etnográfico e histórico que envolve o Mirandês enriquece a sua identidade linguística e acrescenta um ingrediente mais, à configuração do seu estatuto de verdadeira língua minoritária.

4. Um século de resistência

Pelas informações demográficas já atrás citadas e pela observação “in loco”, forçoso é concluir que o Mirandês se encontra numa situação de declínio, podemos dizer vertiginoso. Não ousaremos todavia, falar de extinção. Parece-nos mesmo que é chegado o momento de inverter o discurso apocalíptico que desde o início do século vem perseguindo esta língua. A geografia linguística do planeta sofre actualmente uma grande perturbação, mas a variação linguística tem sido promovida como um dos valores do mundo contemporâneo e da nossa cultura. Hoje na Europa já não morrem línguas, ou pelo menos, é convicção geral de que não devem e podem não morrer.

A profecia agoirenta da iminente catástrofe do Mirandês começou logo no momento da sua descoberta. O seu primeiro estudioso, o já referido e nunca assaz louvado mestre Leite de Vasconcelos, convencido do irremediável apagamento desta língua, tentou salvar-lhe pelo menos a memória, traduzindo alguns textos de Camões e associando-lhe assim a imagem protectora do grande poeta, como ele próprio esclarece: “Abalancei-me, porém, a esta empresa árdua, porque, como o mirandês está destinado a desaparecer, mais tarde ou mais cedo, segundo a terrível sorte que persegue os idiomas que vivem nas condições dele, pretendi, à sombra de Camões, torná-lo lembrado dos vindouros...”²⁶

Durante a primeira metade do século, o Mirandês foi mantido, à custa de um quotidiano rural, isolado, discreto, sofredor e fiel às raízes. Ao mesmo tempo, a civilização urbana e mediática que então se forjava, cilindrava as variedades linguísticas. Para além de algumas referências fragmentárias, especialmente na obra de Francisco Manuel Alves, ninguém se interessava pelo Mirandês.

Em 1953, o escritor e dicionarista brasileiro Antenor Nascentes visitou Miranda do Douro e declarava à imprensa que tinha admirado “suas velhas casas, suas antigas muralhas, o Douro correndo na profundidade pedregosa” mas, não podia escusar um grave lamento: não tinha ouvido falar o Mirandês, “a única pessoa que o sabia envergonhou-se e não quis falar... Foi pena” exclamava o filólogo!²⁷

²⁵ O mesmo autor, sempre motivado por uma grande solidariedade e simpatia pelo Mirandês ter-lhe-á dedicado outros estudos segundo informação amavelmente facultada pelo Dr. Gomingos Raposo, actual responsável pela escolarização do Mirandês, v. informação infra.

²⁶ *Estudos*, 1901, II vol. p. 81/2.

²⁷ *República*, Lisboa, 6/X/53.

Em 1956, diz-se na imprensa que o dialecto é ridicularizado e desprezado: “Informam-nos de que se está a criar no concelho de Miranda do Douro forte animosidade contra o dialecto Mirandês, veneranda preciosidade linguística...”²⁸

Entretanto, a voz do povo nunca deixou de se ouvir. Mesmo no pequeno núcleo urbano de Miranda, há indícios de se ter mantido uma certa vigilância, ao nível da consciência linguística. Dizem-nos os jornais que em 1940 Miranda do Douro tomou a resolução de restabelecer os antigos nomes das suas ruas, apagando os modernos.²⁹

A partir dos anos quarenta, na sequência de uma certa movimentação regionalista, especialmente sentida em Trás-os-Montes (em 1934, Ferreira Deusdado tinha publicado *Regionalismo e patriotismo*, em 1941 realiza-se o II Congresso Trasmontano - onde se fala do mirandês-, em 1947 conclui-se a publicação das *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*) retoma-se um certo interesse pelo Mirandês ao nível da cultura pública. Começa o apostolado decisivo do Dr. António Maria Mourinho, com a publicação de textos de reflexão linguística e de elaboração literária.³⁰

A obra do Dr. Mourinho poderia ser considerada modesta, se não tivesse o incontornável mérito de ser quase única e portanto, imprescindível. Desejaríamos que se tivesse espraçado um pouco mais na criação literária original. Como quer que seja, a sua produção parece-nos suficiente para libertar o mirandês da conotação de língua exótica ou, pior ainda, de língua mumificada, que não poderia funcionar, nem sobreviver fora dos pequenos agregados rurais em abandono.

Em 1957 publica-se em Coimbra um trabalho de rigorosa ciência, com um levantamento fonológico do mirandês, descrito pelo Prof. Herculano de Carvalho. De então para cá, é urgente reconhecê-lo, não voltou a ser estudado com sistematicidade científica. Foi objecto de alusões, especialmente no trabalho de Maria José de Moura Santos - *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*, (Coimbra, 1967) e no *Atlas linguístico da Península Ibérica*, que se encontra ainda em elaboração.

O que mais falta ao Mirandês, no respeitante ao seu estudo linguístico, é um levantamento lexicográfico. Não se trata, evidentemente de uma simples recolha de palavras, mas sim do estabelecimento de um “corpus”, devidamente indexado e contextualizado que sirva, por um lado, como base de documentação da língua e que possa ser integrado como um testemunho mais, que falta no grande mosaico lexical das línguas românicas, e por outro lado, que possa ser utilizado como instrumento funcional pelos falantes, na actualização quotidiana, e muito especialmente na sua escolarização, e também na elaboração literária.

As palavras mirandesas reservam preciosas informações para todos os romanistas. No entanto, mais do que a sua utilidade erudita, o estudo do léxico do Mirandês é uma tarefa prioritária para esclarecer todos os caminhos possíveis da sua sobrevivência. O Mirandês é evidentemente uma língua perfeita, capaz de dizer tudo o que precisar de ser dito, mas é necessário pôr as suas palavras a funcionar em confronto com um mundo em trânsito permanente.

²⁸ *Revista de Portugal* série A - *Língua Portuguesa*, XXI, nº 141, p. 40, 1956.

²⁹ *Diário de Lisboa*, 6/1/1940. As informações referentes à imprensa, a par de muitas outras, foram comunicadas pelo Dr Híronidino Fernandes, escritor, bibliógrafo e sobretudo amigo do peito.

³⁰ Cf. Bibliografia.

5 A escolarização do Mirandês

A escolarização oficial do Mirandês foi solicitada no início dos anos 80 pela Direcção da Escola do Ensino Secundário de Miranda do Douro e recusada pelo Ministério da Educação. Continua a não ser admitido o Mirandês no ensino secundário oficial. Tal proibição, sob pretexto de legalidade, é puramente farisaica, injusta e politicamente insustentável. Transcrevemos, para que conste e para que a história possa julgar, o ofício enviado pelo Conselho Directivo da Escola Secundária de Miranda do Douro (12/11/82), que nos parece digno e honroso; e a inconsiderada resposta da Direcção Geral do Ensino Secundário (23/11/82):

“A quando da tomada de posse do Conselho Directivo desta Escola Secundária, em 1978, composto pelos elementos ligados à terra de Miranda, deliberámos empreender diligências no sentido de não deixar perder este padrão cultural da região, que é o dialecto Mirandês.

Por motivos vários, entre os quais a não existência de um professor mirandês devidamente habilitado, não pedimos a criação dessa cadeira optativa. Fazêmo-lo agora pois que temos, na Escola dois professores, um licenciado em História e outro com o bacharelato em Filologia Clássica, que são mirandeses e podiam eventualmente dar apoio a esta iniciativa.

Por esse motivo, vimos agora, lançar a ideia para ser devidamente ponderada e analisada por esse departamento e Ministério da Educação a fim de viabilizar o projecto da salvaguarda do Mirandês, em vias de extinção, caso não tenha o amparo que merece, por quem de direito.” (assinado por Beatriz Virgínia Edra da Silva)

Resposta do Ministério:

“Em referência ao v/ofício nº 573/82, de 12 de Novembro, respeitante à criação da cadeira optativa de Mirandês, informo V.Exa. de que legalmente não é possível a introdução de disciplinas estranhas aos “Currícula” em vigor para todo o País. (...)” (assinado por Maria Alexandra de Oliveira e Castro).³¹

O ensino do Mirandês, depois de uma denodada persistência dos mirandeses e da sua Câmara Municipal, haveria finalmente de iniciar-se, no Ciclo Preparatório, com carácter experimental, no ano lectivo de 1986/87 com 30 alunos.

Por despacho de 8 de Setembro de 1985, do Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Educação, era “autorizada a inclusão a título facultativo, no plano curricular do 5º Ano de Escolaridade” (Ensino Preparatório), uma disciplina de Língua Mirandesa,

Segundo o testemunho do respectivo professor, a aula de Mirandês do 5º.ano do ensino elementar, terá sido frequentada, até 1992, por uma média anual de cerca de quarenta alunos.³²

A Língua Mirandesa deveria ser matéria curricular essencial no Ensino Secundário dos mirandeses.

³¹ Estes elementos informativos são devidos à generosa amizade da Dra. Zulmira Alves e do Dr. Francisco Joaquim Morais, cordialmente lhes agradeço.

³² Estas informações foram fornecidas pelo actual professor de Mirandês, Sr. Dr. Domingos Abílio Gomes Raposo, a quem presto reconhecido agradecimento.

Conclusão

O Mirandês é um compromisso cultural e patrimonial irrecusável para o Estado Português. A administração não pode demitir-se desta responsabilidade histórica e não só não pode contrariar o ensino do Mirandês a todos os níveis, mas antes tem a irrecusável obrigação de criar as condições para que esse ensino subsista.

A política da língua é, em Portugal, um mundo de imbeaticável inocência, quer no respeitante à língua culta portuguesa, quer em relação ao restante património linguístico, incluindo as variantes dialectais e o Mirandês. O contributo dos estudiosos linguistas também não tem sido, neste campo, particularmente inspirado. O Mirandês, por exemplo, tem sido objecto, quando não de intencional abandono, pelo menos de incon-siderado e displicente tratamento.

Consideramos a este propósito pouco louvável a posição que vem sendo assumida por representantes portugueses, em foros internacionais, sobre as línguas minoritárias, mantendo em asséptica reserva a nossa pequena variação linguística, obstando a que, sendo embora pequena, seja, a pesar de tudo, enriquecedora. A ideia dominante assenta no pressuposto de que o panorama linguístico português disfruta da singularidade de ser homogéneo e uniforme, com excepcional ausência de variantes e de grupos minoritários. Ora tal facto não é rigorosamente exacto, e só de um ponto de vista imperialista poderia ser considerado um privilégio.

A exclusão do Mirandês não tem sido, em boa verdade, objecto de argumentação linguística, mas apenas de discreta desconsideração. Não nos impedirá a amizade de manifestarmos a nossa discordância em relação a mais um texto, há pouco publicado sobre este assunto que reza assim:

“Portugal surge-nos como um país unilingue, não só institucionalmente, uma vez que se trata de um unilinguismo real: dentro das suas fronteiras não apresenta, além da língua nacional, outras línguas às quais possa aplicar-se o estatuto de “línguas minoritárias”, pelo menos na acepção tradicionalmente aceite e consagrada. A inexistência de línguas regionais com esse estatuto resulta da ausência de “minorias linguísticas” tradicionais, isto é, autóctones, caracterizadas por uma língua e por uma cultura próprias. Não obstante a dificuldade de delimitação dos conceitos de “língua” e “dialecto”, o *mirandês* e o *barranquenho*, falados dentro dos limites políticos de Portugal Continental, têm sido unanimemente considerados pelos linguistas portugueses e espanhóis como *dialectos*, embora se reconheça que cada um deles goza de diferente grau de autonomia relativamente ao português. O certo, porém, é que o actual estatuto cultural e social das duas referidas realidades regionais não permite que sejam abrangidas pela designação de “línguas”, o que, portanto, elimina, obviamente, a possibilidade de serem consideradas “línguas minoritárias”.³³

Não basta dizer que o Mirandês não existe ou que não pode ser considerado uma “língua minoritária”, para presumir ciência e ficar com a consciência tranquila. As palavras, por mais eruditas e estipulantes que sejam não podem esvaziar a realidade. “O actual estatuto cultural e social do Mirandês” não se apaga da face da terra só porque alguém o declara, ainda que seja sob o impulso de uma tradição que se julga piedosa.

³³ Clarinda de Azevedo Maia, *Minorias linguísticas e sociolinguística*, p. 25-31; sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol .XX, Coimbra, 1992.

Agora, muito para além dos deveres do Estado, a defesa e a ilustração da língua mirandesa deve ser, não tanto uma obrigação, mas antes uma dedicação dos mirandeses e também dos asturianos. Uma dedicação que será tanto mais aprazível e gratificante quanto mais for apaixonadamente vivida.

A decisão de assumir uma individuação linguística, na medida em que provoca divergência, suscita intolerância e acarreta estatutos minoritários ou de menorização social. A língua e as línguas que são um privilegiado lugar de encontro das inteligências e das vontades, são também um dos mais importantes factores de ruptura social. Em alguma literatura linguística hoje corrente, fala-se de línguas moribundas e da morte das línguas, não podemos aceitar que se integre o Mirandês em discurso deste estilo. O panorama linguístico do futuro será essencialmente plurilingue. A vida das línguas dependerá quase exclusivamente de quem as queira falar.

Neste sentido, será inútil tentar defender o Mirandês com discursos tautológicos ou autistas. Mas será necessário que os mirandeses o queiram falar. Sob o ponto de vista linguístico, o que se poderá dizer e, neste momento já com algum fundamento, é que os mirandeses não sofrerão prejuízo e antes tirarão vantagem do facto de falarem a sua própria língua.

As línguas, por sobre as sua linhas de fractura e de variação, mantêm níveis de intercomunicação e de recorrência criativa, beneficiando grandemente a competência dos plurilingues. Desenvolvem-se hoje projectos de estudos linguísticos que exploram os interfaces das famílias de línguas.

Uma equipa dinamarquesa quer fazer uma gramática e uma estratégia de exercitação linguística que desenvolva uma competência interactiva para grupos de línguas românicas. Dizia-me um dos professores dinamarqueses que o que mais o entusiasmou no estudo das línguas latinas, é que, quando julgava aprender uma, aprendeu quatro línguas, a saber: o Italiano, o Catalão, o Espanhol, e o Português. Era agora altura de o esclarecer que não aprendeu apenas quatro e que poderá muito facilmente juntar ao seu saber linguístico o Asturiano, ou o Mirandês. A intercomunicação das línguas potencia-se como se fora uma progressão geométrica e assim, os nativos plurilingues beneficiam de uma disponibilidade linguística extremamente vantajosa e, que se saiba, sem qualquer prejuízo. Nestas circunstâncias, porque havemos de deixar perder os segredos das nossas línguas familiares, por mais marginais que no-las façam.³⁴

³⁴ Caberia nesta exposição uma breve referência aos falares Guadramilês e Riodonorês. Guadramil e Rio de Honor são duas pequenas povoações raianas, situadas a nordeste de Bragança, com poucas dezenas de habitantes e que mantiveram até aos meados deste século uma identidade linguística que se integrava também na família asturo-leonesa. Subsistem alguns estudos, muito parciais, (Herculano de Carvalho 1954; Hirondino Fernandes 1966/67; José D. Rodrigues 1973) dessa tênue memória linguística, hoje completamente perdida. Constituem, em todo o caso, um testemunho, agora puramente histórico, de uma dimensão ainda insuficientemente conhecida, dessa família linguística que assistiu ao nascimento da Península recristianizada, e que hoje aqui celebramos, desejando que ela viva e sobreviva à nossa própria memória.

BIBLIOGRAFIA MIRANDESA

(Acrescenta-se também a informação bibliográfica referente a Rio de Onor e Guadramil)

Actas das 1as. Jornadas de Língua e Cultura Mirandesa, Miranda do Douro, (Impresso na Sociedade Gráfica), 1987.

Bibliografia dialectal galego-portuguesa, Lisboa, Centro de Linguística das Universidades de Lisboa, 1976, (B.O. 8. “Falares leoneses em território português”) p. 48-50).

CARVALHO, Herculano de, “Fonologia Mirandesa”, *Biblos*, vol. XXXIII, 1957, p. 1/133.

CARVALHO, Herculano de, “Porque se fala dialecto leonês em terras de Miranda?” in *Estudos linguísticos*, 1º.vol., Coimbra, Atlântida, 2ª. ed., 1973, p. 71/92.

CARVALHO, Herculano de, “Elementos estranhos no vocabulário mirandês” in *Estudos linguísticos*, 1º.vol., Coimbra, Atlântida, 2ª. ed., 1973, p. 93/110.

CARVALHO, Herculano de, “Paradigma e corrente da fala a propósito do vocalismo mirandês” in *Anais do Primeiro Simpósio de Filologia Românica*, (Rio de Janeiro, 1958), Rio de Janeiro, 1970 p. 135/138.

CARVALHO, Herculano de, “O falar de Rio de Onor”, V. Dias.

CORTÉS Y VÁZQUEZ, Luis L., “Dos textos dialectales de Rihonor y dos romances portugueses de Hermisende”, in *Boletim de Filologia*, Lisboa, 1950, p.388-403.

DIAS, Jorge, *Rio de Onor. Comunitarismo agro-pastoril* (Cancioneiro de Margot Dias). Porto 1953.

DIAS, Jorge, e CARVALHO, Herculano, “O falar de Rio de Onor”, *Biblos*, vol. XXX, 1954, p. 191/244.

FERNANDES, Hironidino da Paixão, “O falar de Guadramil - 1. Estudo lexical “ in *Boletim do Grupo “Amigos de Bragança”*, Bragança, 4, 1966, p. 121-136; 5, p. 47-59; 6, p. 39-56; 7, 1967, p. 29-45; 8, p. 79-95; 9, p. 32-48; 10, p. 33-52.

FERNANDES, Hironidino da Paixão, *O Inquérito Linguístico Boléo (ILB), no Distrito de Bragança*, Vila Real, Câmara Municipal, Cadernos Culturais, 2ª série, nº2, 1987. Os inquéritos linguísticos (encontram-se no Instituto Românico da Faculdade de Letras de Coimbra) referentes aos concelhos de Miranda do Douro e de Vimioso vêm Indexados p.25-27.

FERREIRA, Albino J. de Moraes, *Dialecto mirandez*, Lisboa, 1898.

FERREIRA, Manuela Barros, e MARTINS, Ana Maria, “O Mirandês nos Atlas Linguísticos”, in *Actas das 1as. Jornadas de Língua e Cultura Mirandesa*.

GIESE, Wilhelm, “Zur bauerlich Kultur der Tierra de Miranda (NO Port.)”, in *Zeitschrift fur Ethnologie*, LXXXII, 2, 1957, p. 250-256, Braunschweig.

HOYOS SANCHO, Nieves de, “Los trajes de Zamora y Miranda de Duero”, in *Actas do 1º. Congresso de Etnografia e Folclore*, promovido pela Câmara Municipal de Braga (22 a 25/VI/1956), vol.II, Lisboa, 1963, p.51-64.

KRUGER, Fritz, *Die Gegenstandskultur Sanabrias und seiner Nachbargebiete. Ein Beitrag zur spanischen und portugiesischen Volkskunde*. Hamburgo, 1925.

KRUGER, Fritz, “Mezcla de dialectos”, in *Homenaje ofrecido a Menéndez Pidal*, II, Madrid, 1925, p.121-166.

KRUGER, Fritz, “El perfecto de los verbos -ar en los dialectos de Sanabria y de sus zonas colindantes”, in *Revista de Filología Española*, XXXVIII, 1954, ps. 45-82.

KRUGER, Fritz, “Aportes a la fonética dialectal de Sanabria y de sus zonas colindantes. Con tres mapas lingüísticos”, in *Revista de Filología Española*, XLVIII, 1965, ps. 251-282.

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón, “Eldialecto leonés”, sep. da *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, X, p. 128-172 e 294-311, Madrid, 1906.

MONTEIRO, Bernardo Fernandes, Tradução mirandesa de passos do Evangelho de São Lucas e da 1ª. Epístola de São Paulo aos Coríntios, in *Revista de Educação e Ensino*, ano XI, 1896, ps. 168/176.

MONTEIRO, Bernardo Fernandes, “Literatura mirandesa: El cirujano del Senhor Abade” (episódio da guerra penindular) in *Revista de Educação e Ensino*, ano IX, 1894, ps. 151/165, 182/184, 252/265, 500/507.

MOREIRA, Maria da Conceição Azevedo, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*, (dissertação de licenciatura, mimeografada), Coimbra, Fac. de Letras, 1962.

MOURINHO, António Maria, *Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas (Pauliteiros de Miranda)*, Duas Igrejas, 1983.

MOURINHO, António Maria, “Subsídios para um tratado de dialectologia portuguesa. O dialecto mirandês”, in *Revista de Portugal*, IV, 1944, p. 270-271, 316-320; V, p. 58-62, 91-96, 277-282; VI, 1944, p. 91-96, 1945, p. 329-334; VII, 1945, p. 137-141, 246-251; IX, 1946, p. 89-93, 254-257; X, p. 21-25; XI, 1947, p. 97-101.

MOURINHO, António Maria, “Diversidades sub-dialectais do mirandês”, in *Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos “Dr. José Leite de Vasconcelos”* (promovido pela Junta de Província do Douro Litoral, Junho, 1958), vol.III, Porto, 1960, p.329-341.

MOURINHO, António Maria, *Nossa Alma i Nossa Tierra*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1961.

MOURINHO, António Maria, *Apontamentos sobre o conto popular mirandês*, Porto 1965. (sep. das *Actas do Congresso Internacional de Etnografia*, promovido pela Câmara Municipal de Santo Tirso, 10 a 18/7/1963).

MOURINHO, António Maria, “*Scôba frolida ã Agosto...*” - Lhiênda de Nôssa Senhora del Monte de Dúes Eigreijas (Em Mirandês), Bragança, Escola Tipográfica, 2ª. ed. 1983, (1ª. 1979).

MOURINHO, António Maria, *Cancioneiro tradicional e danças populares mirandesas*, Bragança, Escola Tipográfica, 1º. vol. 1984.

MOURINHO, António Maria, *Terra de Miranda - Coisas e factos da nossa vida e da nossa alma popular*, Miranda do Douro, ed. da Câmara Municipal, 1991.

MOUTINHO, Viale, *A fala mirandesa em vias de extinção*, Vila Real, “Cadernos Culturais”, 6, 1980.

PEREIRA, Vergílio, “Corais mirandeses. Novos subsídios para o cancionero raiano”, in *Douro Litoral*, 9ª. série, I, 5-33. Porto, 1959.

PIEL, Joseph M., “Observações acerca do vocalismo mirandês”, in *Biblos*, IV, 1930, Coimbra, p. 187/190.

RODRIGUES, Daniel, *O Riodonorense, Lendas, Folclore*, Bragança, Junta Distrital, 1973, 111 ps. (reimpressão de pequenos textos publicados entre 1907 e 1957, em várias revistas); v. Leite de Vasconcelos, “Notícia do idioma de Rio de Onor”, in *Lições de filologia portuguesa*, Lisboa, 2ª. ed., 1926, p. 453/4.

SANTOS, Maria José de Moura, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*, Coimbra, 1967 (Sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. XII,t. II, XIII e XIV).

SLETSJOE, Leif, “La position du mirandais”, in *Studia Neophilologica*. Upsala, XXXIX, 1967, p. 150-173.

VASCONCELOS, José Leite de, “O dialecto mirandez (Notas glottologicas)”, in *O Penafidense*, nº 472, 7/7/1882; nº 473, 11/7/1882; nº 479, 1/8/1882; nº 482, 11/8/1882; nº 483, 15/1/1882; reimpresso com o título *O dialecto mirandez (contribuição para o estudo da dialectologia romanica no dominio glottologico hispano-lusitano)*. Porto, 1882, 39 ps.

VASCONCELOS, José Leite de, *Flores mirandezas*, Porto, 1884, 40 ps. (poemas em mirandês, com notas e glossário).

VASCONCELOS, José Leite de, “Línguas raianas de Trás-os-Montes, Sucintas notas. I - Notícia das línguas de Riodonor e de Guadramil”, e “Breve estudo dos falares de Riodonor e Guadramil”, in *Opúsculos*, IV, Coimbra, 1929, p. 723-790.

VASCONCELOS, José Leite de, “Um conto popular em mirandês”, in *Revista Lusitana*, I, 1887-1889, p. 260-261.

VASCONCELOS, José Leite de, “A lingua mirandesa no séc. XVII”, in *Revista Lusitana*, IV, 1895-1896, p. 125-126.

VASCONCELOS, José Leite de, “A lingua mirandesa”, in *O Reporter* (Jornal de Lisboa), nº 1517, 13/1/1897; nº 1518,

14/1/1897; n° 1519, 15/1/1897; n° 1520, 16/1/1897.

VASCONCELOS, José Leite de, “Notas mirandesas”, in *Revista Lusitana*, V, 1897-1899, p.195-198 (1.Observações fonéticas; 2. Lugares em que se fala mirandês).

VASCONCELOS, José Leite de, “Philologia mirandesa. Historia do ‘L’”, in *Revue Hispanique*, VI, 1899, p. 409-416 (sep. Paris, 1899, 12 ps.).

VASCONCELOS, José Leite de, *Estudos de Filologia Mirandesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 2 vols., 1900/1901; (o 2º vol. contém, p.79-144, a *Camoniana mirandesa*, com a tradução para mirandês de texto de Camões, e que foi também publicada em separata). A Câmara Municipal de Miranda do Douro tem em publicação uma reprodução facsimilada desta obra. Saiu já o 1º vol. com uma nota prévia de António Maria Mourinho, e com data de 1992.

VASCONCELOS, José Leite de, “Sátira á lingoagem de Palaçoulo”, in *Revista Lusitana*, VII, 1902, p. 148-149, reedit. in *Opusculos*, IV, 1929, p. 720-721.

VASCONCELOS, José Leite de, “Silva mirandesa”, in *Revista Lusitana*, VII, 1902, p. 282-302, reedit. in *Opusculos*, IV, 1929, p. 689-720.

VASCONCELOS, José Leite de, “Notícias do idioma de Riodonor (que se fala no concelho de Bragança)”, in *Lições de filologia portuguesa*, Rio de Janeiro, 3ª. ed., 1959, p. 417-418, (1ª. ed. Lisboa, 1911).

VASCONCELOS, José Leite de, “IV- Vária mirandesa”, in *Opusculos*, IV, 1929, p. 721-722.

VASCONCELOS, José Leite de, “Breve estudo dos falares de Riodonor e Guadramil”, in *Opusculos*, IV, 1929, p. 739-790.

VASCONCELOS, José Leite de, “Guadramil e Riodonor”, in *P’ra cá do Marão* (jornal de Bragança), n°1, 9/4/1933, reedit. in *Revista Lusitana*, XXXIV, 1936, p. 291-292.